

Salários não ajudam

Educadores apontam a falta de uma política educacional como o principal problema no ensino de 1º e 2º graus. Para Eloísa Meireles, autora de vários livros sobre alfabetização e há quase 40 anos atuando na área, a questão está centrada num binômio. "O sistema paga muito mal aos professores de 1º e 2º graus e, em contrapartida, não tem como exigir nada", diz ela. O ensino fundamental, afirma, deveria ser questão de honra, exatamente por se tratar do ponto de partida da criança. "Nas escolas, o professor que chega mais despreparado é o que pega a turma de alfabetização. A precariedade do sistema é uma forma de exclusão social do indivíduo", reclama.

Como pedagoga, Liane Baccar trata em seu consultório de crianças com dificuldades de aprendizagem. "A maioria dos atendimentos é provocada por falha no ensino básico. Problemas que, em muitos casos, serão carregados para o resto da vida. Mas não podemos culpar o professor, se ele não ganha o suficiente para se manter", diz ela.

Outra pedagoga, Marlene Morgado, com 25 anos de magistério, diz que a boa educação esbarra na política do assistencialismo dos governos. "O estado tem de investir na educação e não no sopão. Bolsa de alimentação ajuda, mas não resolve. Nenhum governo pensa em política de longo prazo. Dar continuidade ao projeto do governo anterior é dar crédito a outro político", frisa Morgado, citando os Cieps, que foram criados por Leonel Brizola e abandonados no governo Marcelo Alencar.

A preocupação com a qualidade do ensino, para vários pedagogos, vai além do ensino de 1º e 2º graus. Ela passa pela própria formação dos professores, como explica Isabel Pais. "Não é só o salário que está ruim, mas a base de formação do professor, que não está preparando profissionais que saibam lidar com a carga de informações que as crianças estão trazendo de casa e da rua. Esses professores continuam no esquema do giz e quadro-negro, o que é muito prejudicial, porque gera desinteresse", conclui.